

A RELATIVIZAÇÃO DA DEMOCRACIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

THE RELATIVIZATION OF DEMOCRACY IN TIMES OF PANDEMIC

LA RELATIVIZACIÓN DE LA DEMOCRACIA EN TIEMPOS DE PANDEMIA

HEMILLI CHIARENTIN DA SILVA

Graduanda em Direito, Universidade de Passo Fundo (UPF)
hemillichiantin@gmail.com

MARCIO RENAN HAMEL

Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais (UFF), Professor do PPG Direito (UPF)
marcio@upf.br

RESUMO

O escopo do presente artigo é de analisar os impactos da atuação de diferentes governos no combate a pandemia, uma vez que com o crescimento da polarização e a proliferação de notícias falsas, torna-se crível vislumbrar um colapso exorbitante na democracia, bem como a relativização da mesma. Uma vez que, com o crescimento dos discursos populistas, cria-se um caos na sociedade, logo a crise gerada pelos discursos apresenta seus impactos sociais, políticos e econômicos, justamente quando se mais precisa da atuação do poder estatal. A elaboração da respectiva pesquisa foi feita através do método expositivo/argumentativo, com a consulta em periódicos, livros e notícias.

Palavras-chaves: Democracia; Pandemia; Notícias Falsas; Polarização.

RESUMEN

El alcance de este artículo es analizar los impactos de las acciones de diferentes gobiernos en el combate a la pandemia, ya que, con el crecimiento de la polarización y la proliferación de noticias falsas, es creíble vislumbrar un colapso desorbitado de la democracia, así como la relativización de la misma. Dado que con el crecimiento de los discursos populistas se crea el caos en la sociedad, pronto la crisis generada por los discursos presenta sus impactos sociales, políticos y económicos, precisamente cuando más se necesita la acción del poder estatal. La elaboración de la investigación respectiva se realizó a través del método expositivo / argumentativo, con consulta en revistas, libros y noticias.

Palabras clave: Democracia; Pandemia; Noticias falsas; Polarización.

ABSTRACT

The scope of this article is to analyze the impacts of the different governments' actions in combating COVID-19 pandemic, with the growth of polarization and the proliferation of fake



news, it is credible to glimpse an exorbitant collapse in democracy, as well as relativization of the same. Since, with the growth of populist discourses, chaos is settled in the society, consequently the crisis generated by this kind of discourses presents a social, political and economic impact, precisely when the action of the state is most needed. The elaboration of the respective research was done through the expository/argumentative method, with consultation in periodicals, books and news.

Keywords: Democracy; Pandemic; Fake News; Polarization.

SUMÁRIO. I. INTRODUÇÃO; II. A POLARIZAÇÃO NA GESTÃO DA PANDEMIA; III. O NEGACIONISMO COMO POLÍTICA E A PROLIFERAÇÃO DE *FAKE NEWS*; IV. O AGRAVAMENTO DA CRISE DEMOCRÁTICA E A PÓS-PANDEMIA; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

I. INTRODUÇÃO

O enfrentamento à pandemia da Covid-19 não está somente em medidas como o isolamento social e investimento massivo na saúde pública, mas também no combate a notícias falsas e discursos que minimizam a seriedade da doença. O discurso de presidentes populistas, que muitas vezes contrariam as recomendações da Organização Mundial da Saúde, podem estar refletindo nas estatísticas da doença.

Sabendo que uma das principais consequências do discurso populista é a polarização de opiniões, este artigo tem como objetivo elucidar sobre as questões acerca do impacto dessa divergência política e do negacionismo no combate a pandemia, bem como descartar as consequências que tais ações geram dentro do espectro democrático. Assim sendo, partindo-se da premissa de que a polarização gerada pelo populismo de direita está afetando a forma como as pessoas reagem às medidas de restrição, criando opiniões divergentes sobre a gravidade do novo Coronavírus. Torna-se crível elencar essa realidade ao colapso que a democracia vem experimentando.

Ademais, tornar-se-á compreensível o fato de que muitas das medidas adotadas pelos governos durante a pandemia, sob o véu da “segurança” tem se mostrado um instrumento poderoso para o estabelecimento de governos autoritários. Basicamente pode-se ter duas linhas de raciocínio perante este artigo, em países americanos há uma maior incidência de governos e pensamentos negacionistas, enquanto países europeus lutam para reestabelecer a democracia que está sendo corrompida pelos governos que estão se utilizando da pandemia para se perpetuarem no poder.



Nessa linha, fica concebível que é fundamental revitalizar o poder democrático das sociedades e isso só poderá ocorrer se os governos passarem a privilegiar o pragmatismo sobre as posturas ideológicas, pois só assim é possível evitar o aumento dos estragos deixados pela pandemia.

II. A POLARIZAÇÃO NA GESTÃO DA PANDEMIA

A pandemia do novo Coronavírus que se espalhou no ano de 2020 trouxe inúmeras incertezas para a vida em sociedade. Questionamentos baseados sobre como seria possível migrar as relações sociais para o mundo digital ou como o mundo de trabalho se adaptaria a essas mudanças, são umas das muitas dúvidas que assolaram até os mais descrentes. Entretanto, torna-se impossível imaginar esse cenário catastrófico sem pensar na atuação de um dos agentes mais importantes que regem a nossa vida em sociedade: o Estado. Logo, a questão que pairou sobre todo o globo, foi simples: estariam nossos representantes prontos para essa desafiadora nova realidade?

A resposta é tão fácil quanto simplória, os representantes, que escolhemos democraticamente, não estavam preparados para uma pandemia que pararia todas as esferas mundiais por tempo indeterminado. Os governos não reagiram bem perante essa mudança brusca e esse cenário encontrou uma piora, quando analisado os países que se encontravam governados por representantes negacionistas, gerando um caos ainda maior do que o previsto.

É sob essa perspectiva, que em 2020, foi percebido diferentes afrontas contra o Estado Democrático de Direito. Ora, o aumento do desemprego, a desassistência dos governos e a falta de governabilidade de muitos, deixou bem explícito que as pessoas deveriam se preparar para algo bem pior do que o vírus. Dessa forma, como em todos os períodos de desespero, as pessoas tentaram se fixar em bases onde pudessem achar uma espécie de segurança e, por isso, passaram a acreditar em qualquer coisa que lhes acalentasse.

Assim sendo, é em períodos de desespero generalizado que percebemos o quão fragilizada é a nossa democracia. Atitudes como a do presidente brasileiro, que defendeu o uso de medicamento não comprovados como “tratamento precoce”, abrem margens colossais para desentendimentos generalizados, uma vez que de um lado temos comprovações científicas sobre a ineficácia de muitos medicamentos contra a COVID-



19¹, enquanto do lado oposto temos um representante que deveria se comprometer com a verdade, contudo não o faz. Dessa forma, as tensões dentro da sociedade civil começam a crescer, principalmente devido as condutas divergentes.

Ademais, a observância das restrições contra o vírus, tornaram-se ações traduzidas como contra os governos, já que a má gestão da pandemia muito se deve ao fato de que muitos governantes defendem veementemente o não seguimento das restrições preconizadas pela OMS, inclusive muitos demonstram claro apoio as aglomerações, tal como o ex-presidente Donald Trump, ao estimular a invasão do capitólio na cidade de Washington, em janeiro de 2021. Muitos desses comportamentos, ocorrem como formas de legitimar os seus discursos, devido à falta de apoio político, contudo no caso de Trump, foi pela perda nas urnas.

Logo, torna-se fácil compreender por que a fragmentação democrática tem se mostrado inquietante, muito é devido pela gestão precária perante a pandemia. Ademais, as falas e atitudes de governos negacionistas, tem fomentado cada vez mais fenômenos antidemocráticos, que já vinham ocorrendo nas últimas décadas. Logo, verifica-se que são essas condutas que provam que a democracia, como se conhece, está aos poucos se despedaçando, sendo que a pandemia apenas acelerou esse processo.

Afinal, evidencia-se que com o aumento das problemáticas envoltas de assuntos políticos e o aumento drástico da polarização, é possível compreender como diversos países têm demonstrado estarem em um poço de atos antidemocráticos. Partindo de uma breve explanação, cabe a compreensão de a polarização vivida atualmente nos cenários políticos, encontrou seu ápice nas eleições presidenciais de 2016 nos Estado Unidos da América, isso não significa dizer que antes não existia, muito pelo contrário a polarização política sempre existiu, porém sofria modificações em determinados períodos, contudo com a ascensão de ideias defendidas pelo ex-presidente Donald Trump e acatadas por muitos que concordavam, pode-se vislumbrar que o duelo na corrida presidencial de 2016, foi a concretização do conceito de polarização, toda uma sociedade civil foi dividida em dois polos que não mais se toleravam.

¹ FLORENCIO, Raphael. Estudo constata ineficácia de cloroquina e hidroxiclороquina contra Covid-19. **CNN Brasil**, São Paulo, 26 abril 2021. Seção Saúde. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/26/estudo-constata-ineficacia-de-cloroquina-e-hidroxiclороquina-contra-covid-19>. Acesso em: 09 jun. 2021.



Foi com a vitória de Donald Trump em 2016 que passou a se ter uma percepção mais evidente sobre a polarização política. Ora, com o impacto dos discursos populistas e do crescimento desenfreado de *fake news*, houve uma grande deslegitimação do sistema político americano². É nessa linha, onde se verifica que o cenário não foi diferente no Brasil com as eleições de 2018, muito pelo contrário, a polarização vivida pelo povo brasileiro tornou-se tão intrínseca nos debates políticos, que hoje tornou-se impossível tentar discutir sobre essa temática.

Em razão disso, no caso específico do Brasil, esta situação de polarização partidária é exacerbada e está se aprofundando cada vez mais desde a campanha eleitoral de 2014 e o golpe de 2016. A partidarização da epidemia está ameaçando a estabilidade institucional da democracia brasileira. Para lidar com a emergência, as autoridades locais, o STF e parte do Congresso estão de fato governando no lugar do presidente, que tenta reverter as medidas restritivas e impor ao país uma reabertura que os especialistas de saúde consideram, no mínimo, imprudente³.

Assim sendo, ao passo que o presidente e seus apoiadores negam fatos científicos, incitam abertamente à revolta contra poderes constitucionais e ameaçam dar um golpe militar. A frágil democracia brasileira, já abalada em 2016, pode ser mais uma fatalidade deixada pelo vírus. Outrossim, com a crescente polarização, o já frágil tecido social enfraquece-se ainda mais, sendo muito difícil, para não dizer impossível, que estas rupturas no tecido social sejam consertadas num futuro próximo, mesmo depois do fim da crise⁴.

Logo, sendo a polarização um dos problemas vivenciados na política mundial, esta tornou-se um empecilho no combate a pandemia, causando demasiados impactos negativos. Isso porque, com as divergências políticas pode ser observado o motivo pelo qual o cumprimento ou não das restrições para frear o contágio do Coronavírus está intimamente ligado ao partidarismo, que influencia no comportamento das pessoas

² MORAIS, Jennifer Azambuja; COSTA, Andressa Liegi Vieira; BERNARDI, Ana Julia Bonzanini. Populismo, polarização política e a pandemia do coronavírus: Donald Trump e a opinião pública nos Estados Unidos. **Revista Debates**, v. 14, n. 3, p. 126-149, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/109155>. Acesso em: 10 jun. 2021.

³ PINZANI, Alessandro. Fraqueza do Estado e elitização da cidadania na América do Sul Lições políticas da pandemia. *In: Reflexões sobre uma pandemia*. Florianópolis: Néfip Online, 2020, p. 27.

⁴ PINZANI, Alessandro. Fraqueza do Estado e elitização da cidadania na América do Sul Lições políticas da pandemia. *In: Reflexões sobre uma pandemia*. Florianópolis: Néfip Online, 2020, p. 28.



aumentando a gravidade do contágio, sendo cognoscível que a polarização possui então um impacto direto no combate a pandemia.

Essa conclusão é proposta pelo estudo publicado pela University of Gothenburg, onde é explicado que a polarização e o populismo foram os responsáveis pelo aumento das mortes por COVID-19. Dessa forma, é estabelecido uma correlação direta entre o número de mortes e o crescimento do populismo e da intolerância, foi observado que uma polarização social e política pode ter sido crucial para o aumento de mortes durante a primeira onda de COVID-19 nos países europeus.

Os maiores níveis de polarização indicam um número de mortes significativamente maior, por exemplo, a diferença entre duas regiões, uma sem a polarização das massas, a quantidade de mortes representou 2,7%, em contrapartida, em uma área com exacerbado nível de polarização, as mortes representaram cinco vezes mais que a outra região estudada, importando em 14,4% dos óbitos⁵.

Assim sendo, a polarização apresentada é entendida como um “tribalismo identitário” e uma “animosidade contra o outro”, ou seja, há uma evidente divisão entre os apoiadores e os opositores do governo. Como mostra o estudo, as maiores diferenças em excessos de óbitos pelo Coronavírus não ocorrem entre países, mas entre territórios dentro dos próprios países. Logo, os autores apresentam três mecanismos que explicariam o fenômeno da polarização. O primeiro mecanismo, preconiza que é mais difícil nas sociedades polarizadas a construção de um consenso político sobre as medidas sanitárias. No segundo, as prioridades são definidas em função das exigências dos grupos de pressão em detrimento da saúde pública e, o terceiro é que com a polarização as políticas se tornam mais populistas e menos baseadas em critérios de especialistas⁶. Sob a análise de tais mecanismos, torna-se facilmente aplicá-los em diversas democracias.

Nessa linha, pode ser usado como claro exemplo dessas divergências polarizadoras, o ato de usar máscara. Apesar de no início da pandemia muitos presidentes se mostrarem contrários ao isolamento social ou as restrições mais contenciosas emitidas pela OMS, todos eles, por mais contrários que fossem, eram unânimes em persistir no uso

⁵ CHARRON, Nicholas; LAPUENTE, Victor; RODRIGUEZ-POSE, Andrés. Uncooperative Society, Uncooperative Politics or Both? How Trust, Polarization and Populism Explain Excess Mortality for COVID-19 across European regions. *QoG Working Paper Series*, 2020, p. 21.

⁶ CHARRON, Nicholas; LAPUENTE, Victor; RODRIGUEZ-POSE, Andrés. Uncooperative Society, Uncooperative Politics or Both? How Trust, Polarization and Populism Explain Excess Mortality for COVID-19 across European regions. *QoG Working Paper Series*, 2020, p. 12.



de máscaras, afinal essa ação além de conter o vírus, é uma conduta que não interfere na responsabilidade do Estado. Contudo, em países como o Brasil, o uso de máscaras tornou-se muito menor entre os apoiadores do presidente, superando até mesmo países como os Estados Unidos.

Sob a ótica do estudo, é fácil verificar a incidências desses mecanismos com a defesa incansável de tratamentos sem comprovação científica, feitas pelo presidente brasileiro e ex-presidente americano, que enquanto estava no exercício de seu cargo, foi quem incitou o uso de tais medicamentos. Por fim, verifica-se, principalmente no governo brasileiro, a clara falta de preocupação quanto a vacinação em massa, uma vez que esta se manifestou como última prioridade porque primeiro o presidente precisa manter o seu discurso e descaso que já custou a vida de mais de 400 mil brasileiros. Sob essa perspectiva torna-se inequívoco pensar que a adoção das medidas sanitárias, que em princípio não deveriam ter nada de ideológico, acabaram por se politizar em níveis extremos.

Nessa linha, é indispensável compreender o quão prejudicial se torna a má gestão da pandemia, com o aumento de casos e mortes, torna-se impossível voltar a “normalidade” e, conseqüentemente, outros setores da sociedade começam a sofrer os impactos mais profundo. Contudo, países como o Uruguai e a Cota Rica se destacaram ações de grande excelência para conter a propagação da COVID-19, enquanto países como Brasil e Estado Unidos, quebraram e quebram, todos os dias, novos recordes de vítimas fatais e infectados⁷.

Entretanto, apesar da aparente má gestão nos países americanos, a Europa é o continente que registra os maiores números de infecções atualmente, comparado com os demais continentes, sendo os 10 por ordem de casos confirmados: Estado Unidos, Índia, Brasil, França, Rússia, Turquia, Reino Unido, Itália, Espanha e Alemanha. Além disso, o continente europeu ainda apresenta o maior número de países entre os 10 países com mais óbitos: Estados Unidos, Brasil, México, Índia, Reino Unido, Itália, Rússia, França, Alemanha e Espanha⁸.

⁷ ABRANTES, Vinicius V. Brasil e Costa Rica no Combate à Pandemia de COVID-19. Boletim de Conjuntura (BOCA), vol. 3, n. 8, 2020, p. 75.

⁸ SAMPAIO, Lucas. Ranking da Covid: como o Brasil se compara a outros países em mortes, casos e vacinas aplicadas. G1, 29 abril 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/04/29/ranking-da-covid-como-o-brasil-se-compara-a-outros-paises-em-mortes-casos-e-vacinas-aplicadas.ghtml>. Acesso em: 11 jun. 2021.



Todavia, os países europeus, por mais que tivessem demonstrado relutância no começo da pandemia, conseguiram dar uma resposta imunológica mais eficaz, com a compra de vacinas e com o estímulo ao uso de máscaras. Ações essas que não foram tomadas pelos presidentes do Brasil e dos EUA, isso corrobora com o fato de ambos os países se mostrarem tão ineficazes contra o combate a pandemia.

Ademais, os Estados Unidos, com a troca de governo, conseguiram amenizar os impactos pandêmicos e atualmente é o 5º país que mais vacinou no mundo, enquanto o Brasil ocupa a posição 44^º, logo se verifica que as maiores consequências serão sentidas nos países que possuem governos que apostam na polarização e no negacionismo como métodos de combate a pandemia, afinal o objetivo não é combater o vírus, mas seus opositores.

Nesse sentido, compreende-se que a polarização vivida dentro dos governos, bem como a supremacia dessa sob a gestão da pandemia, tornou-se um agravante para o número de mortes. Dessa maneira, com a pandemia ficou evidenciado o impacto extremo que as condutas inconsequentes podem causar, muito graças a uma retórica onde se negam os fatos e a ciência, causando a perda de milhares de vidas. Isso se reflete nos altos números de mortos e infectados, sendo que são um reflexo nato dos discursos pregados pelos governantes, que minimizam a seriedade da doença, bem como exaltam o descrédito na ciência e que possuem uma busca incessante em dividir ainda mais a população.

Como já preconizado, tais situações apesar de se manifestarem em todos os governos ao redor do mundo, possui mais incidência no Brasil. Afinal, os EUA conseguiram se reestabelecer depois das eleições, enquanto os brasileiros devem ficar no escuro por mais um ano. No país onde não há vacinação e tampouco esperança, uma vez que a utilização de discursos apelativos que demonstram ignorância é a única resposta que o presidente dá em suas redes sociais.

Assim sendo, cabe acentuar que esses discursos apelativos, traduzidos como populistas, além de perigosos, corroboram para a maior seletividade de informação, ou seja, para o crescente acirramento político deflagrado pela polarização de opiniões políticas com posicionamentos extremos sobre determinados assuntos políticos, criando

⁹ PROJETO COMPROVA. É enganosa postagem que afirma que Brasil vacinou 11% da população antes da Alemanha. **Correio Braziliense**, 10 jun. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/holofote/2021/06/4930427-e-enganosa-postagem-que-afirma-que-brasil-vacinou-11--da-populacao-antes-da-alemanha.html>. Acesso em: 12 jun. 2021.



essa dicotomia entre “nós e eles”. A preocupação que surge é de que, quando os indivíduos estão expostos exclusivamente a pessoas ou fatos que reforçam suas crenças pré-existentes, não havendo um ecossistema saudável de ideais concorrentes, a democracia sofre¹⁰.

Perante a análise do combate a pandemia, fica em evidencia que os países que se apoiaram no efetivo enfretamento do vírus, possuiu uma maior taxa de sucesso. Vide o grande trabalho feito na Nova Zelândia e na Austrália, onde através do *lockdown* e de medidas mais rigorosas, esses países hoje já possuem uma baixa circulação do vírus. É com essa realidade, que se frisa que em sociedades onde a polarização e a má gestão política são evidenciadas, principalmente, pelas posturas tidas pelos governantes que são contrárias ao *lockdown* ou ao favorável uso de medicamentos não comprovados, são nesses cenários que a democracia se encontra em uma corda bamba.

Não é custoso compreender que são com atitudes como as citadas que causam alvoroço na sociedade civil, gerando incertezas, bem como um aumento drástico de pensamentos antidemocráticos. Já que, com presidentes negacionistas, aqueles que os seguem fielmente se deixam acreditar na existência de enormes esquemas de adulteração de resultados dos mais diversos estudos científicos sobre a COVID-19. Sendo que, essas teorias da conspiração ignoram os fatos concretos e se baseiam em pura credence, esta que é fortemente alimentada pelos representantes.

A polarização dentro da gestão da pandemia gerou uma cognoscível conclusão: a associação de cuidados com ideologias, criam níveis exacerbados de animosidade partidária refletindo perigosamente nas condutas ao combate a pandemia, além disso o partidarismo é um determinante muito mais importante de um sujeito contra a pandemia, do que impacto desta na comunidade desse indivíduo.

Assim sendo, a polarização política ocorrida em tempos pandêmicos se mostra uma grave afronta a democracia, já que com a baixa tolerância vivida atualmente, não somente o combate a pandemia se torna precarizados, mas também ocorre uma tangível insegurança e descrédito nas instituições, uma vez que estas não conseguem barrar todas as práticas contrárias ao bem-estar coletivo. Infere-se que se torna impossível, devido as altas taxas de desinformação, as pessoas serem racionais se nem os líderes o são, ademais, com a falta de informação a pandemia tornou-se um instrumento partidário, minimizando

¹⁰ SUNSTEIN, Cass. República.com: Internet, democracia y libertad. Barcelona: Paidós, 2003. P. 71



os perigos desta e lhe atribuindo um papel menor na configuração da preferência de gestão. Logo, a falta de governabilidade durante a pandemia pode ser traduzida em uma única preposição: o negacionismo e a polarização são tão perigosos quanto a COVID-19.

III. O NEGACIONISMO COMO POLÍTICA E A PROLIFERAÇÃO DAS *FAKE NEWS*

O negacionismo doentio instituído como discurso político durante a pandemia, levanta uma das grandes problemáticas vividas atualmente nas sociedades e de quebra significa um grande empecilho para a democracia. No início da pandemia, a minimização e o discurso camuflado por mentiras disseminados pelos governos, causou um grande impacto no combate ao vírus, desde o princípio, ficou estritamente claro que a prioridade de alguns governos nunca foi o combate da pandemia, mas a busca pela legitimação de seu discurso através de cada mentira espalhada pelas mídias sociais.

Dessa forma, temos como principal exemplo, a política fatal no governo brasileiro que durante a pandemia efetuou diversas trocas ministeriais, sendo a partir dessas mudanças em uma época de crise, que a atitude negacionista do presidente começou a causar efeito na sociedade brasileira. Contudo, não só Bolsonaro quem minimizou, mas com o desastre ocorrido no Brasil pelo colapso sanitário em Manaus e Belém. Tem-se uma clara visão do que esperaria outros países se continuassem a menosprezar a letalidade do vírus, contudo na realidade brasileira mesmo com uma quantidade enorme de óbito, a negação do governo persistia¹¹.

Esse negacionismo escancarado, causou fortes reações desde o início da pandemia, a postura adotada por líderes como Bolsonaro e Trump, nas primeiras semanas de quarentena, foi a da fuga para suas redes sociais, onde divulgavam seus discursos que faziam pouco caso das medidas restritivas ou ainda desestimulavam ações de combate ao vírus, pois julgavam que não passava de uma mera “gripe”.

Todavia, essa posição a respeito do COVID-19 não durou muito para o ex-presidente Donald Trump. A partir do momento que nos Estados Unidos cresceu o número de mortes, Trump começou a alinhar o seu discurso com o resto do mundo, todavia, até seu último dia na Casa Branca, demonstrou que tal mudança de

¹¹ BORGES, Maria de Lourdes. **Sobre o mal da natureza e o mal humano**. In: Reflexões sobre uma pandemia. Florianópolis: Néfip Online, 2020, p. 122.



comportamento não visava o enfrentamento da pandemia, mas sua vitória nas eleições, por essa razão ele manteve seus discursos de ataques contra a China. Já na realidade brasileira, Bolsonaro optou por manter o discurso negacionista, especulando a respeito de conspirações de toda ordem. Discutiu com governadores e mobilizou seu núcleo de fiéis para aglomerações afim de mostrar ao mundo que o Brasil o apoiava¹².

É com cenários como este, que as democracias se depararam. No livro dos autores [Steven Levitsky](#) e [Daniel Ziblatt](#), eles levantam o argumento de que a grande ironia sobre as democracias é que estas se findam através de sua própria defesa quando usadas como pretexto para a sua subversão, é nesse sentido que os autores ainda complementam que “O regresso democrático começa nas urnas”.

Nunca, na história do mundo, uma proposição foi tão bem manifestada concretamente. Bolsonaro, por exemplo, foi eleito democraticamente, e nem aqueles contrários ao seu governo se opõem a isso, ocorre que, durante a pandemia o desdém e o deboche, além do claro negacionismo, reproduziu uma visão tão simplória perante a vida das pessoas, que se tornou compreensível que o núcleo do discurso do presidente é, justamente, que o Estado deve deixar que as forças de mercado voltarem a operar rapidamente. Nisso, as federações empresariais compactuam com o presidente¹³.

Nessa linha, fica compreendido que o negacionismo tende a se intensificar e a se multiplicar no mundo todo nesse contexto contemporâneo da pós-verdade. Esse fenômeno está diretamente relacionado com a crise de autoridade que abalou a confiança da população nos mediadores tradicionais, particularmente telejornais e jornais, que estabeleciam a comunicação entre cientistas, poder público e as pessoas¹⁴. Logo, concebe-se que devido ao crescimento dessas notícias falsas, as democracias estão cada vez mais vulneráveis.

Esse enfraquecimento combinado com a grave relativização democrática, muito se deve a intensificação do uso das redes sociais, uma vez que descartar a verdade factual se tornou mais fácil, além disso essa verdade passa a ser produzida a partir de critérios

¹² MONTENEGRO, Darlan. **O COVID-19 E NOSSO LONGO TRANSE POLÍTICO**. In: Pandemia e Pandemônio no Brasil. São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2020. E-book, p. 72.

¹³ LIFSCHITZ, Javier Alejandro. **PANDEMIA: QUAL BIOPOLÍTICA?** In: Pandemia e Pandemônio no Brasil. São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2020. E-book, p. 85.

¹⁴ DUARTE, André de Macedo; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 45 n. 04, p. 01-22, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DsjZ343HBXtdVySJcgmX3VS/?lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2021. p. 11.



compartilhados e avaliados consensualmente, multiplicando-se as mentiras, os boatos e as informações fraudulentas, por meio de uma comunicação direta, simples, acessível e fortemente carregada de aspectos emocionais, os quais transformam o receptor em um agente disseminador da desinformação¹⁵.

Logo, sob esta perspectiva, pode se ter uma visão clara sobre o momento político. A tese levantada por muitos é a prática demonização do inimigo, dessa forma visualiza-se que a crise sanitária surgiu em um contexto em que o sistema democrático mundial já se encontrava com a legitimidade bem fragilizada, ensejando então manifestação singelas de pensamentos antidemocráticos, que causam por si só um abalo social, político e econômico. Dessa maneira, a elaboração dessa política radical, que combina o negacionismo, as grandes conspirações da esquerda e a divulgação da Cloroquina milagrosa, acabam por fragilizar e maximizar as tensões democráticas.

Quando se mescla o negacionismo com a proliferação de mentiras, cria-se uma bomba relógio que é jogada na sociedade. Logo, quando se é apontada a recalcitrância da mídia e das instituições em divulgar, por exemplo, o uso de medicamentos como soluções definitivas da doença, tira-se a responsabilidade daquele que é o maior responsável pelas mortes. Além disso, todos os fios narrativos tidos por governos e apoiadores são os mesmos: tudo terá sido feito para criar as condições de instalar uma ditadura comunista nos países, inclusive o próprio vírus, sintetizado em laboratório pelo governo chinês¹⁶. Sendo que esta última, foi fortemente defendida por Donald Trump.

Além de ações que minimizam a dor de milhares de família, a divulgação de notícias falsas que repercutem em todo o território, impacta aqueles que acreditam cegamente nas *fake news*, sendo que estes passam a ser os reprodutores de tais “verdades”, as espalhando ainda mais, gerando então um caos generalizado onde aqueles que possuem menos informação serão facilmente manipulados por pessoas que não possuem caráter.

Dessa forma, infere-se que para evitar o crescimento desses discursos negacionistas devem ser ouvidos os argumentos apresentados pelos especialistas. Ou seja, estes que se encontram em seu “local de fala”, que conhecem e vivenciam diariamente as

¹⁵ DUARTE, André de Macedo; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 45 n. 04, p. 01-22, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DsjZ343HBXtdVySJcgmX3VS/?lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2021. p. 11.

¹⁶ TOSTES, Anjuli. **PANDEMIA, POPULISMO E NOVA ORDEM SOCIAL**. In: Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois. Organizadores Anjuli Tostes, Hugo Melo Filho; ilustração de Carlo Giambarresi. 1.ed. Bauru: Canal 6, 2020. Recurso digital. Projeto Editorial Praxis. p. 34.



problemáticas, podem auxiliar na criação de redes de combate a desinformação. Durante o ano de 2020, muitos foram os especialistas que, em rede nacional, refutaram as inverdades exteriorizadas pelos mais diversos governos. É somente explanando a verdade e desmentindo as *fake news*, que pode ser diminuído o impacto dessas na sociedade civil e, conseqüentemente, impedindo uma maior desestruturação democrática, já que com o aumento do negacionismo, os discursos antidemocráticos são tão disseminados quanto o uso de medicamentos não aprovados.

IV. O AGRAVAMENTO DA CRISE DEMOCRÁTICA

A pandemia concretizou um dos piores pesadelos daqueles que acreditam na democracia, a relativização desta e o aumento de atitudes antidemocráticas. A combinação perfeita de governos negacionistas que se apoiam na polarização e na divulgação de *fake news* conciliados com o desespero da sociedade, se torna uma motivação mais que satisfatória para que seja dado início a proliferação de pensamentos contra o Estado democrático.

Além disso, a pandemia se transformou em um teste severo para o Estado de Direito e direitos humanos. Para proteger a saúde pública, governos adotaram medidas que restringiam liberdades fundamentais. Para permitir ação rápida, muitos governos desencadearam estados de emergência. Contudo, os temores sobre o uso indevido dessas prerrogativas pelos governos da Europa Oriental devem ser levados em conta, uma vez que países como Hungria, Polônia ou Eslovênia estão sistematicamente enfraquecendo o judiciário, a mídia e a sociedade civil para impedi-los de responsabilizá-los pela ruptura nos padrões legais.

Ademais, o fato de que *muitas medidas restritivas adotadas durante o regime de emergência não foram revogadas, uma vez que o estado de emergência já chegou ao fim também é um sinal de instrumentalização pelos governos para reverter liberdades civis e participação democrática*. Além disso, no relatório feito pela [União das Liberdades Civis para a Europa](#), foi emitido um alerta sobre um ambiente cada vez mais hostil para jornalistas na Espanha e na Itália, e a crescente interrupção dos protestos e a detenção arbitrária de manifestantes na França, Croácia e Bulgária. Já que, na Hungria, o primeiro-ministro pode agora governar por decreto e na Alemanha, a polícia reprimiu os protestos que aconteceram apesar dos manifestantes respeitarem as regras de distanciamento social.



Na Irlanda, as preocupações com a privacidade em torno de um aplicativo de rastreamento permaneceram sem resposta pelas autoridades¹⁷.

Logo, estima-se que a democracia global, sofreu um grave declínio no ano de 2020. De acordo com a última pesquisa feita pelo Democracy Index, do *The Economist Intelligence Unit*, que avaliou o estado da democracia em 167 países com base em cinco medidas - processo eleitoral e pluralismo, funcionamento do governo, participação política, cultura política democrática e liberdades civis - conclui que apenas 8,4% da população mundial vive em uma democracia plena, enquanto mais de um terço vive sob regime autoritário¹⁸.

Os bloqueios impostos pelos governos e outras medidas de combate a pandemia, levaram a uma grande reversão das liberdades civis em 2020, causando rebaixamentos na maioria dos países. Confrontada com uma nova doença mortal contra a qual os humanos não tinham imunidade natural, a maioria das pessoas concluiu que evitar uma perda catastrófica de vidas justificava uma perda temporária de liberdade.

Na França, por exemplo, severos bloqueios e toques de recolher nacionais levaram a uma pequena, mas significativa diminuição em sua pontuação geral, e o país caiu na categoria de “democracia falha”. Ademais, Portugal também regressou a “[democracia com falhas](#)”, em 2020, muito devido a passagem dos debates com o primeiro-ministro no Parlamento de quinzenais para bimestrais e “a falta de transparência no processo de nomeação do presidente do Tribunal de Contas” conduziram à queda¹⁹.

Na pesquisa feita pelo *The Economist*, é estabelecido que o melhor desempenho, medido pela mudança em sua pontuação e classificação, foi Taiwan, que foi elevado a uma “democracia plena” depois de subir 20 lugares no ranking global, do 31º para o 11º lugar. Taiwan foi às urnas em janeiro de 2020, e uma forte participação eleitoral, inclusive entre os jovens, demonstrou a resiliência de sua democracia.

¹⁷ CIVIL LIBERTIES UNION FOR EUROPE. EU 2020: DEMANDING ON DEMOCRACY. *Country & Trend Reports on Democratic Records by Civil Liberties Organisations Across the European Union*. March, 2021. Disponível em: https://dq4n3btxm8c9.cloudfront.net/files/AuYJXv/Report_Liberties_EU2020.pdf. Acesso em: 13 jun. 2021.

¹⁸ THE ECONOMIST Intelligence Unit. Democracy Index 2020: In sickness and in health? 2021. Disponível em: https://www.eiu.com/n/campaigns/democracy-index-2020/?utm_source=economistdailychart&utm_medium=anchor&utm_campaign=democracy-index-2020 &utm_content=anchor-1. Acesso em: 13 jun. 2021.

¹⁹ SAPAGE, Sónia. Portugal perde denominação de democracia plena e volta a ser democracia com falhas. **Publico**. 03 fev. 2021. Seção Coronavírus. Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/02/03/politica/noticia/portugal-perde-denominacao-democracia-plena-volta-democracia-falhas-1949091>. Acesso em: 13 jun. 2021.



Assim sendo, a democracia plena está se tornando escassa no mundo atual, mesmo com as problemáticas trazidas e ressaltadas pela pandemia, como a precisão das restrições de liberdades individuais, torna-se cognoscível reconhecer que muitas dessas estão sendo utilizadas para o estabelecimento de governos autoritários. Muito se fala do autoritarismo no continente americano, mas na Europa a situação não é tão diferente. Somado a essa realidade, compreende-se que esses governos ainda possuem apoio popular e é devido a essa defesa que manifestações antidemocráticas começam a ocorrer.

Apesar disso, torna-se crível compreender que as democracias, em geral, oferecem matéria-prima que nenhum governo autoritário é capaz de operacionalizar com facilidade: o surgimento de atitudes espontâneas de solidariedade entre os cidadãos²⁰. Durante a pandemia, essas atitudes solidárias tiveram um crescimento exponencial, muitos até acreditaram que as sociedades sairiam dessa mais igualitárias.

Ocorre que, a desconfiança que muitas pessoas passaram a sentir em relação ao Estado, não é incomum, uma vez que é normal que os eleitores não confiem nas ações ou nos motivos de um governante, principalmente quando não votaram nele. Isso faz parte da ideia de democracia, ou seja, essa desconfiança gerada torna-se positiva, já que se verifica uma tentativa de manter o controle popular sobre as ações do governo obrigando este último a responder por seus atos. Quando, porém, a desconfiança se volta contra as próprias instituições públicas, o resultado nunca é “positivo”²¹.

Longe de promover um maior engajamento político, esta desconfiança total leva a um aumento do individualismo ou de formas parciais de solidariedade, gerando um maior auxílio somente para as pessoas e grupos que formam o ambiente social mais imediato e nunca atingem a comunidade nacional em sua totalidade, ou seja, os atos de solidariedade aumentam com as pessoas com as quais se tem um relacionamento pessoal direto, ao passo que os comportamentos individuais são em grande parte caracterizados pelo desrespeito das regras estabelecidas pelas autoridades, indicando a ausência de uma solidariedade mínima para com os demais concidadãos²².

²⁰ GUGLIANO, Alfredo Alejandro. **O combate à pandemia sob o signo da democracia**. In: *El tempo que vivimos: COVID 19 y su impacto en nuestras sociedades*. Compilado Miryam Colacrai, Silvia T. Álvarez; Coordenado por V. Gastón Mutti. Nº 1, 2020. E-book. p. 126.

²¹ PINZANI, Alessandro. Fraqueza do Estado e elitização da cidadania na América do Sul Lições políticas da pandemia. In: *Reflexões sobre uma pandemia*. Florianópolis: Néfip Online, 2020, p. 26.

²² PINZANI, Alessandro. Fraqueza do Estado e elitização da cidadania na América do Sul Lições políticas da pandemia. In: *Reflexões sobre uma pandemia*. Florianópolis: Néfip Online, 2020, p. 27.



Logo, a fraqueza do Estado gera falta de solidariedade nacional e contribui para o enfraquecimento do senso de democracia e acaba por alimentar a desconfiança contra o próprio Estado. É essa realidade vislumbrada atualmente, mesmo em países democráticos, as ações solidárias encontraram relutância, graças ao aumento de ideais antidemocráticos, por si só essas concepções individualistas ou autoritárias soam equívocas ao se pensar no caos estabelecido, mas isso, aparentemente, não é o suficiente para diminuir a quantidade de indivíduos que tentaram maximizar os discursos polarizados a favor de governos e com isso passaram a repudiar o uso de máscaras ou até mesmo a seguir as recomendações de órgãos internacionais. Dessa forma, evidencia-se que por se viver, em grande parte, em sociedades democráticas essa ideia de que o individual deve se sobrepor ao coletivo, já se prova como um discurso antidemocrático.

Assim sendo, é crível pensar que esses discursos individualistas que são disseminados tão fortemente por apoiadores de governos negacionistas, tornam-se a fâsca para o barril de pólvora que é o cenário atual. Com o favorecimento vergonhoso de alguns Estados com a economia nacional sob a saúde de milhares de pessoas, se estabelece uma situação ultrajante. Esses mesmos Estados que se escusam de melhorar a saúde pública, com o investimento em hospitais e profissionais da área da saúde, são os mesmos que alegam que a “economia não pode parar”.

Apesar disso, perante o enfrentamento da pandemia, a sociedade necessitou se mobilizar para o combate, contudo as tentativas de tratar o problema novo com o remédio antigo, como no caso dos empresários e governantes que preferiram estimular a manutenção dos grandes empreendimentos econômicos funcionando, em vez de apoiar medidas de isolamento social que poderiam ter salvado muito mais vidas, numa clara tentativa de sobrepor interesses monetários às vidas humanas²³. Apesar de na maioria das democracias ocidentais, os governos terem se posicionado pela priorização da vida, houve ainda uma parcela de presidentes que se escusaram em pôr a saúde a população como prioridade.

É nessa realidade que percebemos a maior afronta a democracia, se esta pressupõe que os direitos fundamentais dos indivíduos devem ser garantidos pela figura do Estado e este usa como pretexto a defasagem no âmbito econômico, sendo que seria

²³ GUGLIANO, Alfredo Alejandro. **O combate à pandemia sob o signo da democracia**. In: *El tempo que vivimos: COVID 19 y su impacto en nuestras sociedades*. Compilado Miryam Colacrai, Silvia T. Álvarez; coordenado por V. Gastón Mutti. N° 1, 2020. E-book. p. 127.



responsabilidade dele garantir a sobrevivência de todas as esferas, já que é com essa premissa que os cidadãos pagam os impostos. Logo, quando um representante vem a público minimizar o impacto da pandemia e agir com descaso perante os óbitos, além de desonestos comprovam que de fato a democracia como se conhece está colapsando, cada vez mais.

Assim sendo, as preocupações acerca dos impactos da pandemia causam inquietação, principalmente, no que concerne a democracia. Uma vez que, é possível vislumbrar que o vírus trará consigo o autoritarismo de Estados de controle. Estados que controlarão ainda mais a entrada de estrangeiros em seus territórios, mas que igualmente entrarão a vida de seus cidadãos de forma autoritária controlando-os em seus passos e ações, de tal forma que a vida e a esfera privada se tornem inexistentes²⁴.

O próprio negacionismo prova um regresso social horrendo, quando se falava antigamente da descrença que as pessoas tinham na época da gripe espanhola ou peste negra, muito se justifica pela falta de tecnologia e pela própria época dos acontecidos. Contudo, pensar que atualmente as pessoas ainda descreditam na ciência e não por argumentos fáticos que comprovem, mas pelo mero discurso repetido daqueles que detém influência e pelo senso comum, torna-se inconcebível e assustador imaginar que a sociedade democrática atual está em “corda bamba” justamente pela falta de criticidade de muitos.

O futuro incerto da pandemia ainda assombra as democracias que tentam sobreviver a essa crise. A realidade é uma só, ninguém sabe como será o novo “normal” daqui para frente, o que se esperava era um aumento de solidariedade vinda de diversas esferas, com uma única finalidade: combater o Coronavírus. Porém, o cenário desenhado desde 2020 foi bem diferente das expectativas criadas e excepcionalmente lastimoso.

Ocorre que, a própria ideia de um mundo pós-pandêmico pode ser uma mera ilusão. A pandemia veio para ficar e se tornou tão planetária quanto o capitalismo. Não se trata de uma guerra, nem de uma crise econômica, das quais se tenta sair com novos arranjos institucionais. A crise hoje é de outra natureza. Trata-se de um real da natureza, invisível, molecular e imprevisível e que ameaça populações, práticas e saberes²⁵.

²⁴ REICH, Evânia; BORGES, Maria de Lourdes; XAVIER, Raquel Cipriani. **Reflexões sobre uma pandemia**. Florianópolis: Néfip Online, 2020, p. 15.

²⁵ CARVALHO, Evandro Menezes de. **O USO POLÍTICO DA PANDEMIA E A CRISE DIPLOMÁTICA COM A CHINA**. In: *Pandemia e Pandemônio no Brasil*. Organizadores Cristiane



Logo, a pandemia do Coronavírus obrigará a ocorrência de certas modificações em boa parte dos costumes e das práticas culturais enraizadas nas sociedades ocidentais e também vai gerar um impacto profundo nos sistemas a nível internacional. Por essa razão, torna-se imprescindível que os países ponham de lado suas diferenças ideológicas e estabeleçam um consenso político mínimo²⁶. Além disso, a crise do COVID-19 abriu uma nova oportunidade para o diálogo, sendo preciso ver se as lideranças estão à altura de circunstâncias excepcionais ou se preferem continuar privilegiando uma lógica polarizadora de curto prazo que só lhes serviu para obter um consenso político precário enquanto a população está submersa na desesperança.

CONCLUSÃO

A pandemia acabou por salientar todos os erros que as sociedades continuam cometendo, seja pela má escolha de governantes ou pela falta de solidariedade que deveria reger as democracias. Enquanto governos com caráter autoritário continuarem sendo eleitos pelas nações, direitos como o de saúde pública de qualidade continuará sendo usurpado da população.

A clivagem profunda existente nas diversas democracias, reflete-se em um descontentamento com as formas já estabelecidas de governos, atingindo patamares desafiadores. É por essa razão que o populismo, com seu caráter iconoclasta, e os discursos antidemocráticos, são perceptíveis no cenário atual. A combinação entre o populismo e o caos causado pela pandemia abrem espaço para a tentativa de uma ruptura democrática que, infelizmente, já vem acontecendo.

Atitudes que exaltam a polarização das massas sendo manifestadas pelos próprios governadores, só corroboram para a má gestão da pandemia. Bem como, a evidente prioridade dos governantes em se tratando de economia versus vida, demonstra o estado de colapso que a sociedade moderna está vivenciando, a falta de solidariedade vinda dos cidadãos e a minimização do caos na saúde pública feita em alguns países, manifesta a linha tênue em que se encontra as democracias.

Brandão Augusto, Rogério Dutra dos Santos; Ilustrações Rodolfo Carvalho. 1.ed. São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2020. E-book, p. 37.

²⁶ MONGAN, Matías. **Los desafíos del regionalismo sudamericano post-pandemia del coronavirus**. In: *El tempo que vivimos: COVID 19 y su impacto en nuestras sociedades*. Compilado Miryam Colacrai, Silvia T. Álvarez; Coordinado por V. Gastón Mutti. N° 1, 2020. E-book. p. 73.



Assim sendo, como diria o filósofo Jürgen Habermas, atualmente ocorre uma tentativa de colonização do mundo da vida pelo poder do dinheiro, contudo isso não pode acontecer. Não se pode deixar que pensamento que priorizem a economia ao invés de vidas ou que tente exaltar a individualidade acima da coletividade, possam ser proliferados. O pior de toda essa situação pandêmica, além dos óbitos que poderiam ter sido evitados se os países tivessem preparo para tamanha catástrofe, é que a exaltação dessas ideias negacionistas e antidemocráticas são mantidas através da polarização em massa, sendo que esta é divulgada pelos próprios governantes.

Dessa maneira, ao final desse pesadelo pandêmico, ficará ao encargo das sociedades pagarem as dívidas deixadas pelo vírus, assim como de resistirem as políticas autoritárias que ainda estão por vir e, ainda, sobreviverem aos precedentes abertos nessa pandemia, que criarão muito mais caos futuramente. Caberá aos cidadãos de cada país democrático lutar pela sobrevivência da democracia, se o enfrentamento da pandemia já se tornou árduo em países democráticos, como seria em um mundo totalitário? De uma coisa tem-se certeza, a crise sanitária seria o menor dos problemas. Por fim, tocará à população iniciar uma transformação mais profunda se quiser evitar dificuldades maiores no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Vinicius Villani. Brasil e Costa Rica no Combate à Pandemia de COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**. Ano II, v. 3, n. 8, p. 74-85, Boa Vista, 2020. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/Abrantes>. Acesso em: 11 jun. 2021.

BORGES, Maria de Lourdes. Sobre o mal da natureza e o mal humano. *In: Reflexões sobre uma pandemia*. Florianópolis: Néfil Online, 2020.

CARVALHO, Evandro Menezes de. O uso político da pandemia e a crise diplomática com a china. *In: Pandemia e Pandemônio no Brasil*. Organizadores Cristiane Brandão Augusto, Rogério Dutra dos Santos; Ilustrações Rodolfo Carvalho. 1.ed. São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2020. E-book.

CIVIL liberties union for Europe. EU 2020: demanding on democracy. **Country & Trend Reports on Democratic Records by Civil Liberties Organisations Across the European Union**. March, 2021. Disponível em: https://dq4n3btxmr8c9.cloudfront.net/files/AuYJXv/Report_Liberties_EU2020.pdf. Acesso em: 13 jun. 2021.

CHARRON, Nicholas; LAPUENTE, Victor; RODRIGUEZ-POSE, Andrés. Uncooperative Society, Uncooperative Politics or Both? How Trust, Polarization and Populism Explain Excess Mortality for COVID-19 across European regions. **QoG Working Paper Series, 2020**, 12. ISSN 1653-8919.



DUARTE, André de Macedo; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 45 n. 04, p. 01-22, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DsjZ343HBXtdVySJcgmX3VS/?lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2021.

FLORÊNCIO, Raphael. Estudo constata ineficácia de cloroquina e hidroxicloroquina contra Covid-19. **CNN Brasil**, São Paulo, 26 abr. 2021. Seção Saúde. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/26/estudo-constata-ineficacia-de-cloroquina-e-hidroxicloroquina-contra-covid-19>. Acesso em: 09 jun. 2021.

GUGLIANO, Alfredo Alejandro. **O combate à pandemia sob o signo da democracia**. In: *El tempo que vivimos: COVID 19 y su impacto en nuestras sociedades*. Compilado Miryam Colacrai, Silvia T. Álvarez; coordenado por V. Gastón Mutti. N° 1, 2020. E-book.

LIFSCHITZ, Javier Alejandro. Pandemia: qual biopolítica? In: **Pandemia e Pandemônio no Brasil**. Organizadores Cristiane Brandão Augusto, Rogério Dultra dos Santos; Ilustrações Rodolfo Carvalho. São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2020. E-book.

MONGAN, Matías. Los desafíos del regionalismo sudamericano post-pandemia del coronavirus. In: **El tempo que vivimos: COVID 19 y su impacto en nuestras sociedades**. Compilado Miryam Colacrai, Silvia T. Álvarez; coordenado por V. Gastón Mutti. N. 1, 2020. E-book.

MONTENEGRO, Darlan. O COVID-19 e nosso longo transe político. In: **Pandemia e Pandemônio no Brasil**. Organizadores Cristiane Brandão Augusto, Rogério Dultra dos Santos; Ilustrações Rodolfo Carvalho. São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2020. E-book.

MORAIS, Jennifer Azambuja de; COSTA, Andressa Liegi Vieira; BERNARDI, Ana Julia Bonzanini. Populismo, polarização política e a pandemia do coronavírus: Donald Trump e a opinião pública nos Estados Unidos. **Revista Debates**, v. 14, n. 3, p. 126-149, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/109155>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PINZANI, Alessandro. Fraqueza do Estado e elitização da cidadania na América do Sul Lições políticas da pandemia. In: **Reflexões sobre uma pandemia**. Florianópolis: Néfip Online, 2020.

PROJETO COMPROVA. É enganosa postagem que afirma que Brasil vacinou 11% da população antes da Alemanha. **Correio Braziliense**, 10 jun. 2021. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/holofote/2021/06/4930427-e-enganosa-postagem-que-afirma-que-brasil-vacinou-11--da-populacao-antes-da-alemanha.html>. Acesso em: 12 jun. 2021.

REICH, Evânia; BORGES, Maria de Lourdes; XAVIER, Raquel Cipriani. **Reflexões sobre uma pandemia**. Florianópolis: Néfip Online, 2020, p. 14. E-book.

SAMPAIO, Lucas. Ranking da Covid: como o Brasil se compara a outros países em mortes, casos e vacinas aplicadas. **G1**, 29 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/04/29/ranking-da-covid-como-o-brasil-se-compara-a-outros-paises-em-mortes-casos-e-vacinas-aplicadas.ghtml>. Acesso em: 11 jun. 2021.



SAPAGE, Sónia. Portugal perde denominação de democracia plena e volta a ser democracia com falhas. **Público**. 03 fev. 2021. Seção Coronavírus. Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/02/03/politica/noticia/portugal-perde-denominacao-democracia-plena-volta-democracia-falhas-1949091>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SUNSTEIN, Cass. **República.com**: Internet, democracia y libertad. Barcelona: Paidós, 2003.

THE ECONOMIST Intelligence Unit. **Democracy Index 2020**: In sickness and in health? 2021. Disponível em: https://www.eiu.com/n/campaigns/democracy-index-2020/?utm_source=economistdailychart&utm_medium=anchor&utm_campaign=democracy-index-2020&utm_content=anchor-1. Acesso em: 13 jun. 2021.

TOSTES, Anjuli. Pandemia, populismo e nova ordem social. *In*: **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. Organizadores Anjuli Tostes, Hugo Melo Filho; ilustração de Carlo Giambarresi. 1.ed. Bauru: Canal 6, 2020. Recurso digital. Projeto Editorial Praxis.

